

Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: em direção à reflexividade analítica

Theoretical reflections on reliability and validity in qualitative research: towards analytical reflexivity

Danielle Regina Ullrich^a
Josiane Silva de Oliveira^b
Kenny Basso^c
Monize Sâmara Visentini^d

RESUMO: A orientação em direção à prática e à ação social nas pesquisas qualitativas possibilita discutir os procedimentos metodológicos empregados nestes estudos para além da problemática de sua dimensão operacional. Nesse sentido, os critérios utilizados para a operacionalização desses estudos implicam o reconhecimento das articulações das dimensões ontológicas, epistemológicas e metódicas destas pesquisas, onde podemos situar estes debates no campo da reflexividade analítica. Dentre esses critérios, este ensaio teórico objetiva discutir a confiabilidade e a validade nas pesquisas qualitativas, aprofundando a compreensão deste contexto, a fim de superar os debates crericistas e operacionais. A problematização dos critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas se refere ao estabelecimento de mecanismo sistemáticos e confiáveis das formas de apreensão da dinâmica social. Já para a verificação da validade são apresentados diferentes enfoques, como a validade transacional, a transformacional, a aparente, a instrumental e a teórica. A discussão apresentada propõe uma avaliação da confiabilidade além dos procedimentos metodológicos empregados, partindo em direção à reflexividade analítica. Cumpre-se com a premissa básica de tratar o critério da confiabilidade em termos ontológicos, epistemológicos e metódicos e sintetizam-se alguns dos critérios tradicionais e novos que podem ser adotados no sentido de ampliar a confiabilidade e validade na pesquisa qualitativa.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Confiabilidade. Validade. Reflexividade.

ABSTRACT: The orientation toward the practice and social action in qualitative research allows discussing the methodological procedures employed in these studies beyond the issue of its operational dimension. In this sense, the criteria used for the operationalization of these studies imply the recognition of the dimensions of the joints ontological, epistemological and methods of this research, where we can situate these debates in the field of analytical reflexivity. Among these criteria, this theoretical paper aims to discuss the reliability and validity in qualitative research, to develop understanding of this context in order to overcome the critical and operational debates. The reliability criterion in qualitative research refers to the establishment of a mechanism of systematic and reliable ways of understanding social dynamics. For the validity verification in qualitative studies are presented different approaches, such as transactional, transformational, apparent, instrumental and theoretical validity. The discussion presented proposes a reliability evaluation beyond the methodological procedures employed, beginning toward analytical reflexivity. We treat the reliability criterion in terms of ontological, epistemological and methodical and we summed up some traditional and new criteria that can be adopted in order to increase the reliability and validity in qualitative research.

Keywords: Qualitative research. Reliability. Validity. Reflexivity.

^a Doutoranda em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Desenvolvimento Regional pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. E-mail: <danielle_ullrich@yahoo.com.br>.

^b Doutoranda em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Administração pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: <oliveira.josianesilva@gmail.com>

^c Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor e pesquisador da Escola de Administração da Faculdade Meridional (IMED). E-mail: <bassokenny@gmail.com>.

^d Doutoranda em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: <monize.s.visentini@gmail.com>.

1 Introdução

Durante muito tempo severas críticas têm sido aplicadas à pesquisa qualitativa no que concerne aos critérios clássicos de cientificidade. Groulx (2008) afirma que a pesquisa qualitativa, no contexto da pesquisa social, pode produzir um conhecimento, cuja validade científica, por vezes, é reconhecida como frágil e incerta. Ainda para o referido autor, a orientação em direção à prática e à ação social pode introduzir um viés, ou perverter as regras científicas da pesquisa e transformar a pesquisa qualitativa em um discurso ideológico. Contudo, muitos estudiosos vêm desenvolvendo proposições acerca de tais critérios. Segundo Flick (2009), primeiramente sugeriu-se que os critérios clássicos de pesquisa social empírica, ligados à pesquisa quantitativa, fossem adotados na elaboração e execução da pesquisa qualitativa, sendo eles: confiabilidade, validade e objetividade.

Dentre estes critérios, este estudo teve por objetivo discutir a confiabilidade e a validade nas pesquisas qualitativas. Será a pesquisa qualitativa confiável? Quais critérios e procedimentos são utilizados para validação de pesquisas qualitativas? Tais questionamentos são embasados pelas discussões realizadas por autores como Denzin e Lincoln (2005), Flick (2009), Kirk e Miller (1986), dentre outros que apoiaram este ensaio teórico. Para Flick (2009) parece claro que a confiabilidade dos dados, calcada em procedimentos tradicionais, como estabilidade de dados e resultados em coletas repetidas, é inútil para avaliar dados qualitativos. Por exemplo, a repetição idêntica de uma narrativa em diversas entrevistas indica mais uma versão “construída” do que confiabilidade do que foi contado. Deste modo, as sugestões para reformular o conceito de confiabilidade vão em direção a uma concepção mais procedimental. Elas visam tornar a produção dos dados mais transparente, de forma que seja possível verificar o que ainda é uma declaração do entrevistado e o que já é uma interpretação do pesquisador. Assim, a confiabilidade do processo de pesquisa como um todo pode ser desenvolvida por sua documentação reflexiva.

Contudo, tal discussão não pode ser travada aleatoriamente, pois carece de uma base ontológica e epistemológica que possa embasar esta contenda. Busca-se uma compreensão mais profunda do processo de pesquisa qua-

litativa, que supere os debates criticistas e operacionais. A intenção é ir além dos debates metodológicos e avançar no contexto da reflexividade analítica, adequando-se ao cenário no qual a pesquisa qualitativa é desenvolvida.

Além dos debates que envolvem confiabilidade, a análise da validade de pesquisas qualitativas também possui uma longa trilha na literatura acadêmica, mas o entendimento sobre esse critério de cientificidade em estudos de cunho qualitativo ainda carece de compreensões mais direcionadas. De acordo com Cho e Trent (2006), a validade tal como é entendida e utilizada em pesquisas quantitativas não pode ser extrapolada às qualitativas. Maxwell (1992, p. 284) salienta que a “validade não é propriedade particular de um método, mas ela pertence aos dados, somas ou conclusões alcançadas pela utilização de um método, em um contexto particular para um propósito particular”. E um alto grau de confiabilidade e validade oferece não só a confiança nos dados recolhidos, mas, mais importante, a confiança na aplicação e utilização dos resultados (RIEGE, 2003).

Destarte, este ensaio teórico está estruturado em três partes além desta introdução. Na segunda seção apresentam-se as orientações filosóficas (bases para as definições dos critérios de confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas). O terceiro momento destas discussões remete ao entendimento do conceito de confiabilidade em si, destacando os critérios adotados e apresentando propostas para uma ampliação dos critérios de confiabilidade em pesquisa qualitativa, a partir da reflexividade analítica. A quarta seção é dedicada aos debates sobre os critérios e procedimentos de validação de pesquisas qualitativas. Por fim, as considerações finais retratam o posicionamento dos autores sobre esta temática.

2 Orientação filosófica – bases para definições dos critérios de confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas

A pesquisa qualitativa é comumente relacionada aos estudos desenvolvidos a partir de abordagens sociológicas ou antropológicas. O foco destes estudos recai no entendimento e análise dos padrões ou das contradições dos processos sociais. Nesse sentido, para Denzin e Lincoln (2005) estas proposições se relacionam

as habilidades dos pesquisadores em observar o mundo social, e estabelecer suas proposições a partir de como os sujeitos conceituam sua realidade, bem como as imagens do mundo a partir de diferentes estilos de pesquisa, epistemologias e formas de representações.

Sendo assim, a palavra “qualitativa” nas pesquisas científicas se refere à ênfase nos processos e significados, onde o exame rigoroso ou de mensuração em termos de quantificação, valoração ou seqüência não respondem aos questionamentos propostos nestes estudos. A diferenciação entre as proposições das pesquisas qualitativas e quantitativas são apresentadas por Vidich e Lyman (2005) a partir de cinco formas (1) usos do positivismo: na pesquisa qualitativa a abordagem positivista se refere à adoção de procedimentos de observações e análises estatísticas, instrumentalizando e quantificando os procedimentos de pesquisas por meio da construção de hipóteses para futuras testagens, bem como a utilização de *softwares* de quantificação, como no caso das análises de conteúdos de entrevistas; (2) aceitação da sensibilidade pós-moderna: pesquisas alinhadas com abordagens da teoria crítica, construcionismo, pós-estruturalismo e pós-modernismo são desenvolvidas nas pesquisas qualitativas. Nesse caso, os estudos consideram métodos alternativos de trabalho como a verossimilhança, emocionalidade, relações pessoais, ética, práxis, textos multivozes, diálogos com as subjetividades, onde os critérios de razão e verdade científica são questionados; (3) captura

do ponto de vista individual e/ou social: as pesquisas qualitativas consideram, a partir do detalhamento das entrevistas e das observações, o reconhecimento da perspectiva do ponto de vista do outro, ou a perspectiva construída pelos atores sociais; (4) exame das limitações/restrições do cotidiano: as pesquisas qualitativas permitem discorrer sobre as ações sociais imersas em contextos específicos, bem como a relação do êmico com o ético; e (5) garantia das descrições ricas: as descrições detalhadas do mundo social são de grande valor, pois permitem apreender os pequenos detalhes do cotidiano onde as relações sociais são pautadas.

Sendo assim, pode-se considerar que as pesquisas qualitativas consideram suas construções a partir de sua dinâmica sociohistórica. Denzin e Lincoln (2005) propõem que três interconexões de atividades caracterizam as pesquisas qualitativas em diferentes planos de análises, sendo elas: teórico, analítico e metódico, relacionados à ontologia, epistemologia e metodologia. Essas articulações modulam as pesquisas qualitativas, onde o contexto de abordagens de estudos do pesquisador é o lócus das idéias e das estruturas de análises (articulação teoria e ontologia), que especificam as configurações ou jogos das questões de pesquisa (epistemologia), estabelecendo as formas específicas de exame dos problemas a serem discutidos (metódica, metodológica e analítica). A operacionalização destas articulações nas pesquisas qualitativas é sintetizada no Quadro 1.

Quadro 1 – Processo de pesquisa qualitativa

	Fase	Descrição	Atividades
1	Pesquisadores como sujeitos multiculturais	História e tradições de pesquisas; concepções do eu e do outro; ética e políticas de pesquisas.	Esta fase indica a complexidade e profundidade das pesquisas qualitativas, pois primeiramente caracteriza conflitos e diversidade do pesquisador e o estudo.
2	Paradigmas e perspectivas teóricas	Positivismo, pós-positivismo construtivismo, feminismo, modelos étnicos, modelos marxistas, estudos culturais.	Configurações básicas das crenças que orientam as ações das pesquisas.
3	Estratégias de pesquisas	Desenho do estudo, estudo de caso, etnografia e observações participantes, fenomenologia, etnometodologia, grounded theory, método biográfico, método histórico, pesquisa-ação e pesquisa participante, pesquisa clínica.	O design de pesquisa situa os pesquisadores empiricamente no mundo social, bem como as especificidades de conexões com locais, pessoas, instituições, onde as informações serão apropriadas para responder as questões de pesquisas.
4	Métodos de coleta e de análise de dados	Entrevistas, observações, artefatos, documentos, métodos visuais, métodos experienciais, data management, análises computacionais e análises textuais.	Formas de capturar, ler e organizar os dados coletados.
5	A arte de apresentação e interpretação	Critérios para adequação de julgamentos, interpretações, escrita como interpretação, análises políticas, tradições avaliativas, pesquisas aplicadas.	As interpretações são construídas e, como tal, envolvem re-criações de interpretações, do situacional relacional e textual na experiência de pesquisa.

Fonte: Denzin e Lincoln (2005).

Esse processo de sensibilização e contextualização das pesquisas qualitativas encaminha às formas diferenciadas quanto aos critérios de confiabilidade e de validação das pesquisas.

3 Confiabilidade em pesquisas qualitativas – discussões teóricas

Muito embora as discussões acerca dos processos de validação tenham recebido bastante atenção em relação às pesquisas qualitativas, os critérios de confiabilidade têm sido negligenciados ou pouco debatidos, bem como as delicadas ligações entre estes dois conceitos de análises. A confiabilidade assim como a validade somente tem significação se referenciadas a sua base teórica (KIRK; MILLER, 1986).

Nesse sentido, o pesquisador atua como um *bricoleur*, pois o desenvolvimento do trabalho de campo não é constituído de partes seqüenciais, como nas pesquisas quantitativas, mas concomitantes (DENZIN; LINCOLN, 2005). Goulart e Carvalho (2005) assinalam que, nas pesquisas de orientação qualitativa, os pressupostos ontológicos consideram a realidade subjetiva e múltipla, e epistemologicamente o pesquisador interage com objetos e sujeitos de pesquisa. O processo indutivo de contextualização dos estudos centra o pesquisador nas atividades a serem desenvolvidas. Portanto, a consciência das implicações metodológicas e as decisões tomadas no percurso do trabalho pautam questões relacionadas à validade e confiabilidade dessa dinâmica. “O essencial é que todo o processo de pesquisa necessita ser conscientemente executado e precisamente documentado” (GOULART; CARVALHO, 2005, p. 135).

Deste modo, sendo o pesquisador o próprio instrumento da coleta de dados, remete-se à questão da confiabilidade na pesquisa qualitativa. Mechanic (1989 *apud* GROULX, 2008), em uma postura crítica, alerta que se trata de uma situação difícil. Para ele, o que um pesquisador julga importante em um número quase infinito de observações possíveis, bem como a maneira como ele avalia cada observação em relação às outras, dentro de um quadro de referência mais amplo, determina a construção obtida.

Não obstante, a flexibilidade é uma das principais proposições da pesquisa qualitativa, onde também se deve considerar questões relacionadas à coerência e consistência do estudo para a construção dos critérios de confiabilidade. As articulações epistemológicas do estudo, conforme apresentado no Quadro 1, com base em Denzin e Lincoln (2005), asseguram essa condição. Como discorrem Roulston (2010) e Holloway e Todres (2003), mais do que qualidade, a confiabilidade das pesquisas qualitativas remete a capacidade de teorização por meio da temática proposta. Portanto, não se deve considerar a metodologia como uma “metodolatria”, mas como capacidade de flexibilidade frente à contextualização dos estudos, qual seja as articulações de tempos e espaços. As questões metodológicas são apresentadas por Goulart e Carvalho (2005) como a “musculação intelectual”, que prepara o pesquisador para as práticas de pesquisa, e embasa a confiabilidade do estudo.

Ressalta-se ainda que há um embate por parte dos pesquisadores, com relação a continuação do uso do termo confiabilidade nas pesquisas qualitativas. Em seu estudo Holloway e Todres (2003), apresentam o posicionamento de Seale (1999 *apud* HOLLOWAY; TODRES, 2003) que afirma que os termos validade e confiança já não são adequados para os problemas que estão ligados a qualidade da pesquisa qualitativa, enquanto Morse et al. (2002 *apud* HOLLOWAY; TODRES, 2003) contesta fortemente isso.

Isto porque, segundo Gómez (2000), ainda há vestígios do positivismo, que geram certo temor, em parte justificável, de se cair novamente nas interpretações subjetivas. E isso fica claro, quando se define a confiabilidade nas pesquisas quantitativa e qualitativa. Se a confiabilidade nas pesquisas quantitativas se relaciona a sua replicação e generalização, nas pesquisas qualitativas, devido ao seu processo de contextualização e de flexibilização, se relaciona a consistência das articulações teóricas, metodológicas e empíricas propostas pelo estudo.

Como se ponderou nesta discussão, deve-se considerar a definição do posicionamento epistemológico do pesquisador e suas proposições de investigação, bem como as triangulações. Flick (2006) corrobora com Denzin (2009) ao categorizar as triangulações em quatro tipos: (a) tempo, espaço e sujeitos;

(b) triangulação investigativa (diferentes observadores analisam os resultados da pesquisa), (c) triangulação teórica, onde são articuladas diferentes proposições teóricas, e (d) triangulação metodológica, realizada por meio de diferentes estratégias de coleta e de análise de dados. Além das triangulações serem essenciais para os processos de validação do estudo, também garantem mecanismos essenciais para a confiabilidade da pesquisa.

A triangulação faz parte das cinco estratégias para aumentar a credibilidade, e consequentemente a confiabilidade da pesquisa qualitativa, desenvolvidas por Lincoln e Guba (1985 *apud* FLICK, 2009), a saber: a) envolvimento prolongado e uma observação persistente no campo ajudam a aumentar a probabilidade de resultados críveis, bem como a triangulação de diferentes métodos, pesquisadores e dados; b) “sessões de discussão”, como reuniões regulares com outras pessoas que não estejam envolvidas na pesquisa para expor os pontos cegos da pesquisa e discutir hipóteses de trabalho e resultados; c) análise de casos negativos no sentido de indução analítica; d) adequação dos termos de referência de interpretação e sua avaliação; e) “verificações por membros”, no sentido da validação comunicativa de dados e interpretações com membros do campo em estudo.

Com base nessas proposições, a próxima seção deste ensaio discute tipos e critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas.

3.1 Tipos e critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas

Para Kirk e Miller (1986) a confiabilidade depende essencialmente das descrições explícitas dos procedimentos de observação, sendo distinguidas nos seguintes tipos: a) confiabilidade quixotesca: se refere às circunstâncias em que um único método de observação contínua se mantém invariavelmente; b) confiabilidade diacrônica: se refere a estabilidade temporal das observações. Nas ciências sociais, este conceito se manifesta nos paradigmas experimentais, onde convencionalmente se demonstra as similaridades das medidas em diferentes tempos (isomorfismo); c) confiabilidade sincrônica: se refere às similaridades das observações em semelhantes períodos de tempos. Ao contrário da confiabilidade quixotesca, a confiabilidade

sincrônica raramente envolve observações idênticas, mas as particularidades de interesse do observador.

Vieira (2007) assinala a confiabilidade em pesquisas qualitativas por meio das articulações entre construtos teóricos, o método e os resultados. Lapièrre (2008) argumenta a confiabilidade no tocante aos fundamentos de um contexto de análise, onde a reprodução das considerações construídas nas pesquisas pode ser articulada em relação a situações analiticamente semelhantes. Nesse sentido, não se deve observar as condições de estabilidade, pois essa percepção acarretaria num sentido evolutivo e de duração do tempo nos estudos, bem como a univocidade dos fenômenos sociais. Mas, as sistemáticas de observações dos objetos de estudo se relacionam a exploração das diversas faces e aprofundamentos das análises dos fenômenos sociais.

Os critérios de confiabilidade são apresentados por Lapièrre (2008) nas pesquisas qualitativas por meio das ferramentas conceituais empregadas para a compreensão espaço-temporal da dinâmica social, a saber:

- a) Descrição em profundidade das situações delimitadas e densamente texturadas, onde as categorias e processos analíticos são descritos de maneira a acompanhar o desenvolvimento do estudo;
- b) As implicações a longo tempo no campo, permitindo a captura das dinâmicas sociais de forma longitudinal e transversal;
- c) Sistemáticas das análises, como a saturação teórica, no intuito de centralizar as categorias de análises, bem como as categorias de articulações teóricas;
- d) Triangulação dos dados para o entendimento das concordâncias e contradições na contextualização das observações empíricas e articulações teóricas;
- e) Facilitadores de reprodução e avaliações das análises, como o uso de materiais audiovisuais, e especificação do conjunto de estratégias de coleta e de análises dos dados.

A problematização dos critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas se refere ao estabelecimento de mecanismo sistemáticos e confiáveis das formas de apreensão da dinâmica social. Steinke (2004 *apud* FLICK, 2009), a partir de uma abordagem mais abrangente, sugeriu

critérios específicos para a pesquisa qualitativa, tais como:

- a) Transparência intersubjetiva do processo que leva aos resultados;
- b) Procedimentos indicados e adequados;
- c) Construção e testagem da teoria ancoradas empiricamente;
- d) Limitação, isto é, definição da amplitude e dos limites dos resultados;
- e) Subjetividade refletida; coerência da teoria e relevância da pergunta de pesquisa e desenvolvimento da teoria.

Os critérios de confiabilidade, para Newton et al. (2011), são considerados a partir de sua possibilidade de conhecer a realidade social de forma que produza sempre aproximações mais precisas destas. Entretanto, para os referidos autores, esse processo não é tão simples assim. A definição dos critérios de confiabilidade das pesquisas qualitativas implica no avanço no terreno movediço das construções epistemológicas. As abordagens de estudos construcionistas avançam nesse sentido, pois discutem questões sobre como o homem conhece e age no mundo.

Nessas considerações, os critérios de cientificidade não se limitam as questões metodológicas, mas, também, as articulações epistemológicas e ontológicas das ciências. Outros critérios de confiabilidade das pesquisas podem ser relacionados a essa discussão, no intuito de ampliar o escopo dessas argumentações. A partir das discussões apresentadas neste ensaio teórico apresenta-se outra categoria de análise para estas discussões, sendo ela: a reflexividade.

Retomando as discussões de Holloway e Todres (2003), considerar a reflexividade como critério de confiabilidade em pesquisas qualitativas significa romper com a “metodolatria” para buscar a metodologia como processo de reflexão da pesquisa. Esse processo se caracteriza para Roulston (2010) na desnaturalização da realidade social e proposições de diferentes possibilidades de articulações na pesquisa. Para Alvesson e Willmott (1992) mais genericamente, um questionamento crítico das crenças e valores podem não só facilitar o pensamento mais racional, o reconhecimento e a clarificação das necessidades negligenciadas, como também as ideias de justiça, e assim por diante. E, ao fazê-lo, pode afastar o indivíduo da tradição que se formou a sua própria subjetividade.

Sendo assim, a reflexividade nas pesquisas qualitativas está relacionada ao entendimento da estrutura social, onde pensar e produzir esse critério de confiabilidade implica em fazer uma negação do *mainstream* funcionalista. Romper com essa geopolítica do conhecimento e da estrutura social não é uma tarefa fácil. Aqueles que se propõem a realizar esse questionamento, bem como da perfectibilidade das pesquisas qualitativas incorre no risco de ser circunscrito a um corpo político dos estudos engajados com a realidade social em um espaço reduzido de debates para essas formas alternativas de se pensar e entender a realidade social.

A operacionalização da reflexividade nas pesquisas qualitativas se remete a articulações de diferentes perspectivas teóricas, quando existem razões para fazê-lo. Alvesson (2003) assinala duas vantagens de operar as pesquisas qualitativas por meio da reflexividade, sendo elas: a) evitar a ingenuidade associada à crença de que “dados” simplesmente revelam a realidade, e b) criatividade na sequência de uma apreciação do potencial de complexidade do material empírico. A reflexividade opera com uma estrutura que estimula a interação entre a produção e o desafios de interpretações. Ela inclui a abertura dos fenômenos através da exploração mais do que um conjunto de significados, e reconhece a ambiguidade nos fenômenos e na(s) linha(s) de instrução, e isso significa reduzir a brecha entre as preocupações epistemológicas e de método.

O caráter reflexivo das pesquisas qualitativas se configura como critério de confiabilidade, pois possibilita articular as proposições de estudos à realidade social onde o mesmo é conduzido. Sob estas proposições, corroboram as discussões de Vieira (2007), onde confiabilidade se relaciona às articulações entre construtos teóricos, o método e os resultados, bem como de Lapière (2008) na capacidade analítica dos contextos sociais. Com base nessas articulações, apresenta-se uma síntese dos critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas, expostos no Quadro 2.

Os critérios expostos, relativos à confiabilidade na pesquisa qualitativa, abrem caminhos para novas discussões no que concerne aos questionamentos propostos para este ensaio. Contudo, percebe-se a existência de avanços neste contexto, e uma ampliação dos tradicionais critérios, muito relacionados à pesquisa quantitativa, para novos critérios que possam dar conta dos cenários no qual a

pesquisa qualitativa é desenvolvida, imbricada num contexto sóciohistórico, permeada por significados e fenômenos sociais.

Nesse sentido, não se pretende estabelecer uma receita prescritiva de critérios a serem seguidos e confirmados nas pesquisas qualitativas. Tão pouco, todos estes se fazem presente continuamente em um estudo. Mas, a partir das articulações destas discussões delimitar tanto um campo de estudos analíticos desta temática, como configurar elementos orientadores para a realização dos estudos. A próxima seção deste ensaio se propõe a realizar uma articulação teórica entre aspectos da construção da confiabilidade em pesquisas qualitativas em relação aos processos de validação das mesmas.

Quadro 2 – Critérios de confiabilidade em pesquisas qualitativas

Critério	Descrição e operacionalização do critério nas pesquisas qualitativas
Descrição detalhada	Descrição em profundidade das situações delimitadas. Descrição do recorte espaço temporal de realização do estudo, bem como evidenciar as categorias de análises em discussão.
Tempo de permanência no campo	Permanência a longo tempo no campo permitindo a captura das dinâmicas sociais de forma longitudinal e transversal.
Saturação teórica	Busca dos autores no sentido de centralizar as articulações teóricas.
Triangulação dos dados	Utilização de diferentes estratégias de coleta e de análise de dados.
Reprodução e avaliação das análises	Divulgação e avaliação das análises entre os pares.
Transparência	Descrição detalhada de todos os procedimentos utilizados na pesquisa empírica e na construção teórica.
Limitação da pesquisa	Exposição das limitações da pesquisa.
Coerência	Coerência entre os dados empíricos e a teoria que está sendo construída.
Exploração dos significados	Exploração dos significados e dos fenômenos relacionados ao campo onde o estudo é conduzido.
Reflexividade	Articulação das proposições de estudos à realidade social onde o mesmo é conduzido. Reconhecer as diversas possibilidades teóricas-empíricas de análise, e situar sociohistoricamente as escolhas realizadas pelo pesquisador.

Fonte: da pesquisa.

4 Validade em pesquisas qualitativas – discussões teóricas

As definições de validade, tradicionalmente ligadas à pesquisa quantitativa, remetem a capacidade de um instrumento em realizar medições que reflitam variações e escores reais do que se pretende medir, não indicando erros aleatórios ou sistemáticos (MALHOTRA, 2006). Hair et al. (2005) complementam essa definição, afirmando que a validade está associada a precisão de um estudo. No mesmo sentido, Golafshami (2003) discute que a validade, como apresentada nos estudos quantitativos, é condizente com a exatidão, ou seja, o grau em que o instrumento de medida realmente está medindo o que se propõe.

Winter (2000) salienta que a validade em pesquisas quantitativas é relacionada com terminologias e conceitos provenientes do positivismo: leis universais, evidências, objetividade, verdade, atualidade, dedução, razão, fato, dados matemáticos. Outro aspecto revelado pela amplitude de conexões que a validade possui, nas pesquisas quantitativas, é a sua importância neste tipo de estudo, uma vez que trabalhos científicos merecedores de respeito e publicação em periódicos devem, obrigatoriamente, evidenciar ou calcular o grau de validade dos seus resultados.

Para evidenciar a validade nos estudos quantitativos, Malhotra (2006) apresenta três principais classificações: validade de conteúdo, que se refere à avaliação subjetiva dos itens e indicadores de uma escala ou instrumento, verificando, qualitativamente, se o conteúdo de tais é congruente à mensuração do que se propõem; validade de critério, na qual se verifica o funcionamento das medidas em relação a outras variáveis denominadas critérios; e a validade de construto, que avalia o construto ou fenômeno que a escala ou instrumento está medindo. Para tanto, a validade de construto subdivide-se em validade convergente (extensão pela qual os indicadores relacionam-se entre si dentro de um mesmo construto), discriminante (extensão pela qual a escala difere-se de outras escalas) e nomológica (extensão pela qual a escala se relaciona com as definições teóricas do construto). Esta classificação da validade na pesquisa quantitativa é utilizada por vários autores de metodologia da pesquisa, como Hair et al. (2005) e Aaker, Kumar e Day (2004).

Entretanto, tal definição não pode ser utilizada para caracterizar a validade na pesquisa qualitativa, pois conforme Cho e Trent (2006) a tipologia de estados e propósitos são distintos entre esses dois tipos de pesquisa. O reconhecimento de que a realidade das relações humanas é construída socialmente, dentro de contextos históricos, fez com que parte das pesquisas sociais e humanas não mais se direcionasse rumo à mensuração, mas à compreensão, o que tem ampliado a utilização de metodologias de pesquisa qualitativa (GUBA; LINCOLN, 1994). Segundo Creswell e Miller (2000), pode-se afirmar que o pesquisador qualitativo traz para seus estudos uma lente diferente daquela tradicional oferecida pelos estudos quantitativos.

Para Cho e Trent (2006) as definições de validade nas pesquisas quantitativas e qualitativas são distintas. Whittemore, Chase e Mandle (2001) ressaltam que isso ocorre porque os princípios epistemológicos e ontológicos são diferentes entre essas duas perspectivas de pesquisa, o que torna inapropriado o uso de medidas de validade de uma perspectiva em outra. De acordo com Maxwell (1992), embora as diferenças sejam explícitas, isto não implica em afirmar que todos os enfoques de validade sejam incompatíveis entre as perspectivas qualitativas e quantitativas de pesquisa, mas sim que uma simples tradução é inapropriada e inadequada.

Nesse âmbito, Cho e Trent (2006) apresentam dois enfoques que abrangem as principais técnicas para verificação da validade em estudos qualitativos, denominados enfoque transacional e enfoque transformacional.

A validade transacional conforme Cho e Trent (2006, p. 321) pode ser definida como

um processo interativo entre o pesquisador, o pesquisado, e os dados coletados que auxilia ao alcance de um relativamente alto nível de certeza e consenso, por meio de fatos revisitados, sentimentos, experiências, e valores ou crenças coletados e interpretados.

Sob este enfoque de análise de validade, encontram-se técnicas por meio das quais os erros ou falhas de entendimento no processo interpretativo podem ser corrigidos através de um retorno ao respondente, que por sua vez garante que a sua realidade corresponda às

interpretações feitas pelo pesquisador. Além disso, a triangulação também compõe o conjunto de técnicas que podem ser classificadas nesse enfoque.

Por sua vez, a validade transformacional, um enfoque mais radical, é definida como “um processo progressivo, emancipatório que ocorre através da mudança social que é para ser alcançada através do empreendimento próprio do pesquisador” (CHO; TRENT, 2006, p. 321-322). Neste enfoque, há um profundo, auto-reflexivo e enfático entendimento do pesquisador enquanto trabalha com o pesquisado, para que se alcancem mudanças nas condições sociais vigentes. Neste caso, a validade é determinada pelas ações resultantes do empreendimento de pesquisa, e que são capazes de incorrer em transformações sociais. O ganho em verificação de validade de um estudo qualitativo sobre o enfoque transformacional é inegável. Porém, a dificuldade de verificação torna este tipo de validade mais abstrato para avaliação de trabalhos científicos, uma vez que para verificar a validade transformacional de um trabalho é necessário identificar quais as conseqüências na alteração da realidade vigente na qual a pesquisa se insere (CHO; TRENT, 2006).

Complementarmente, outros tipos de validade para estudos qualitativos são apresentados por Kirk e Miller (1986 *apud* LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005): a validade aparente, a validade instrumental e a validade teórica. A validade aparente, segundo os autores, baseia-se na evidência dos dados da observação, mas é insuficiente se considerada isoladamente, pois, na prática, a validade dos dados ou das medidas raramente é identificável. Já a validade instrumental manifesta-se quando um procedimento consegue demonstrar que as observações recolhidas pelo pesquisador são semelhantes às reais, comprovando-se isso através de um procedimento alternativo. Por fim, a validade teórica existe quando um procedimento indica claramente que o quadro teórico adotado corresponde efetivamente às observações coletadas. Esta é segundo, Kirk e Miller (1986 *apud* LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 2005), o tipo mais completo de validade na pesquisa qualitativa, pois seu exame incide sobre os outros dois tipos de validade, bem como sobre o modo como é construída a ligação inferencial entre os fatos

alvo de observação e os conceitos ou modelos teóricos a eles ligados.

A validade teórica, apresentada por Kirk e Miller tem relação direta com o que Hammersley (1992, p. 50-52 *apud* FLICK, 2004) classifica como “realismo sutil”, que parte de três premissas básicas:

1. A validade do conhecimento não pode ser avaliada com certeza. Julgam-se os pressupostos tomando por base sua credibilidade e plausibilidade.
2. A existência de fenômenos independe das afirmações do pesquisador a seu respeito. Os pressupostos sobre eles podem ser apenas mais ou menos aproximados daquilo que sejam esses fenômenos.
3. A realidade torna-se acessível através das (diferentes) perspectivas sobre os fenômenos. A pesquisa visa à apresentação da realidade, e não à reprodução desta.

Kvale (1995) considera que a validade na pesquisa qualitativa deve existir em todas as etapas do estudo, a saber: na problematização do tema, através do inter-relacionamento da base teórica utilizada com o enfoque dado; na estruturação da pesquisa, por envolver a apropriação do desenho de pesquisa, os métodos utilizados e os objetivos do estudo; na coleta de dados, pela atenção aos dados informados; na interpretação dos dados, pelo modo como as questões são colocadas no texto e a lógica das interpretações realizadas; e finalmente, na verificação do estudo, pela relação com o conhecimento produzido pela pesquisa.

Ao lado dos enfoques de aplicação da validade e de suas classificações nos estudos qualitativos, complementarmente, destacam-se alguns critérios específicos, listados no Quadro 3, que tendem a guiar a busca pela validade nas pesquisas qualitativas.

Esses critérios, entretanto, na opinião de Kushner (2005 *apud* FLICK, 2009), devem ser cuidadosamente aplicados, visto que, muitas vezes, são voltados em demasia a questões de pesquisa social aplicada e não o suficiente às particularidades da pesquisa qualitativa. Como sugestão, Flick (2009) indica que estas sejam questões que orientem a elaboração de um trabalho qualitativo, considerando as particularidades de cada um, bem como as características necessárias para a obtenção de validade na pesquisa.

Quadro 3 – Critérios específicos de validade em pesquisas qualitativas

Critério	Pergunta
Credibilidade	Os resultados da pesquisa refletem a experiência dos participantes ou o contexto?
Autenticidade	A representação exhibe preocupação com as diferenças de vozes entre os participantes?
Crítica	O processo de pesquisa evidencia enfoques críticos?
Integridade	A pesquisa reflete recursivamente e repetitivamente sobre a validade do estudo?
Clareza	A pesquisa tem decisões metodológicas, interpretativas e vieses do pesquisador explícitos?
Vivacidade	As descrições densas são fiéis e retratadas com astúcia e clareza?
Criatividade	O estudo tem uma maneira criativa de organizar, apresentar e analisar os dados?
Profundidade	Os resultados abordam de forma integral e saturada as questões do trabalho?
Congruência	O processo de pesquisa e os achados são congruentes? Os assuntos se ajustam entre si? Os resultados se ajustam ao contexto?
Sensitividade	A investigação foi sensível a cultura, aos contextos sociais e a natureza humana?

Fonte: Whittemore, Chase e Mandle (2001).

4.1 Procedimentos para alcançar a validade nos estudos qualitativos

Vários procedimentos são descritos na literatura como formas de se problematizar questões relacionadas à validade de uma pesquisa qualitativa. Desta forma, Whittemore, Chase e Mandle (2001) apresentam diversas técnicas para que um estudo qualitativo possa demonstrar validade, conforme Quadro 4.

As técnicas são divididas em quatro tipos: considerações de *design*, geração de dados, análise e apresentação. Todas as técnicas são relevantes para demonstrar a validade de um estudo e, dentre as mais utilizadas, para cada um dos tipos, estão triangulação, demonstração de saturação dos dados, checagem com os experts e o fornecimento de descrições detalhadas.

Semelhante e complementar é a classificação dos critérios de validade na pesquisa qualitativa apresentada por Paiva Jr., Leão e Mello (2007), a saber: triangulação; construção do corpus da pesquisa; descrição rica e detalhada; surpresa; e *feedback* dos informantes (validação comunicativa). De acordo com Creswell e Miller (2000), os pesquisadores qualitativos utilizam de forma rotineira, triangulações, descrições

densas, revisões por pares, e auditorias externas. A triangulação, segundo os autores, segue a recomendação de Denzin (2009), sendo realizada através de múltiplas e diferentes fontes, pesquisadores, métodos e teorias.

Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005) também definem meios de reforçar a validade em uma investigação qualitativa, como a interação entre o investigador e o grupo-indivíduos; a duração prolongada da estadia no meio; a triangulação das técnicas e das inferências ou conclusões entre vários investigadores e/ou investigador e indivíduos observados; e a documentação dos procedimentos.

Quadro 4 – Técnicas utilizadas para verificar a validade em estudos qualitativos

Tipo de técnica	Técnica
Considerações de <i>design</i>	Desenvolver um design de pesquisa autoconsciente Decisões de amostragem Triangulação Dar voz aos pesquisados Expressa assuntos de um grupo oprimido
Geração dos dados	Articular coletas de dados Demonstrar observação persistente Demonstrar engajamento prolongado Fornecer transcrição literal Demonstrar saturação
Análise	Articular decisões de análise Checagem com membros Checagem com experts Apresentar tabelas de redução dos dados Explorar explicações rivais Apresentar junção com a literatura Anotações Reflexão sobre os dados
Apresentação	Fornecer uma trilha para a checagem dos dados Prover evidências que suportem as interpretações Reconhecer a perspectiva do pesquisador Fornecer descrições detalhadas

Fonte: Whittemore, Chase e Mandle (2001).

Em síntese, a maioria dos autores propõe que a pesquisa qualitativa demanda, por ser interativa ao invés de linear, que para os procedimentos de validação o pesquisador

possa voltar ao passo anterior sempre que for necessário, para que checagens e ajustes possam ser feitos, com vistas a garantir uma maior validade ao estudo. Em termos práticos alguns parâmetros permeiam a grande maioria das proposições para análise da validade em estudos qualitativos, como: análise da coerência metodológica, que é verificada através da congruência entre o problema de pesquisa e o método utilizado, sendo que o método deve, conseqüentemente, se ajustar aos dados e aos procedimentos analíticos; análise de adequação das unidades de análise, que é verificada através da adequação e pertinência dos sujeitos selecionados para representar ou que possam ter maior conhecimento sobre o tópico de pesquisa; junção entre coleta e análise de dados, onde a interação entre a coleta e a análise dos dados é uma forma de evidenciar a preocupação com os ajustes na coleta para que o objetivo seja alcançado com maior eficácia; pensamento teórico, que considera a possibilidade de suscitar novas ideias a partir do conjunto de dados pré-existente, durante o processo de coleta, análise e escrita do relatório; desenvolvimento teórico, que envolve habilidades micro (dados) e macro (conceitual) de entendimento (MORSE et al., 2002).

5 Considerações finais

Ao tratar da confiabilidade e da validade em pesquisas qualitativas adentra-se em um cenário ainda conflituoso e nebuloso. Esforços têm sido despendidos, no sentido de construir conceitos e critérios que sejam adequados ao contexto no qual a pesquisa qualitativa é desenvolvida. Neste sentido, vislumbra-se sobrepor a posição positivista-funcionalista, predominante nas pesquisas sociais qualitativas, para novas abordagens que permitam uma melhor compreensão do cenário em estudo.

A discussão apresentada neste ensaio teórico permitiu aprofundar tal entendimento, no sentido em que propôs uma avaliação da confiabilidade além dos procedimentos metodológicos empregados, partindo em direção à reflexividade analítica. Neste sentido, cumpriu-se com a premissa básica de tratar o critério da confiabilidade em termos ontológicos, epistemológicos e metódicos, aprofundando o debate e permitindo situá-lo no campo da reflexividade.

A reflexividade está atrelada ao entendimento da estrutura social e ao desenvolvimento de pesquisas que permitam compreender melhor este contexto. Sem uma compreensão teórico-empírica do espaço social de estudos das pesquisas qualitativas, a realização de observações, entrevistas, ou mesmo a delimitação do “objeto” em estudo se torna ingênua, por não desvelar as relações de poder, as dinâmicas relacionais ou demais estruturas que subjazem e sustentam a realidade social. A abordagem reflexiva pode ser considerada como critério de confiabilidade, pois situa as pesquisas e suas atividades por articulações que remetem a construções históricas sociais.

Assim sendo, a reflexividade permite a exploração das ambigüidades e descon continuidades da realidade social, e como tal diminui as possibilidades de inconsistências das relações entre epistemologia e método, ao possibilitar que essas duas categorias sejam trabalhadas em conjunto. Essas articulações irão conferir rigor a um trabalho científico de cunho qualitativo possibilitando garantir a validação destes estudos.

No entanto, ressalta-se que embora alguns dos principais procedimentos para verificação de validade em estudos de natureza qualitativa tenham sido citados neste trabalho, a discussão sobre as formas, estratégias e técnicas pelas quais os autores podem verificar e transmitir a validade dos seus dados qualitativos aos leitores é um debate recorrente e que ainda necessita de discussões adicionais.

Destaca-se a relevância do tema, uma vez que os debates teóricos acerca das distinções de validade entre estudos de natureza quantitativa e qualitativa, bem como as características da validade aplicada a estudos qualitativos e seus procedimentos, são fundamentais para a sustentação da credibilidade da pesquisa qualitativa na academia.

A partir da discussão teórica realizada neste ensaio, pode-se sintetizar alguns dos critérios tradicionais e novos que podem ser adotados no sentido de ampliar a confiabilidade e validade na pesquisa qualitativa. Contudo, sugere-se que novas leituras, discussões e posicionamentos sejam desvelados neste campo, visando contribuir para a teoria da pesquisa qualitativa, e em especial, para os critérios de confiabilidade e de validade.

Referências

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. *Pesquisa de Marketing*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- ALVESSON, M. Beyond Neopositivists, Romantics, and Localists: A Reflexive Approach to Interviews in Organizational Research. *Academy of Management Review*, v. 28, n. 1, p. 13-33, Jan. 2003.
- ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. On the idea of emancipation in management and organization studies. *Academy of Management Review*, v. 17, n. 3, p. 432-464, July 1992.
- CHO, J.; TRENT, A. Validity in qualitative research revisited. *Qualitative Research*, v. 6, n. 3, p. 319-340, Aug. 2006.
- CRESWELL, J. W.; MILLER, D. L. Determining validity in qualitative inquiry. *Theory into Practice*, v. 39, n. 3, p. 124-131, 2000.
- DENZIN, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. TRANSACTION PUB: USA, 2009.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: entering the field of qualitative research. In: _____. *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, 2005.
- FLICK, U. *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- _____. *An introduction to qualitative research*. London: Sage, 2006.
- _____. *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOLAFSHANI, N. Understanding reliability and validity in qualitative research. *The Qualitative Report*, v. 8, n. 4, p. 597-607, Dec. 2003.
- GOULART, S.; CARVALHO, C. A. O pesquisador e o design da pesquisa qualitativa em Administração. In: VIERIA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. *Pesquisa qualitativa em Administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- GÓMEZ, G. O. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa*. La Plata: Universidad Nacional de La Plata/IMDEC, 2000.
- GROULX, L. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994.
- HAIR, J. F., et al. *Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HOLLOWAY, I.; TODRES, L. The Status of Method: Flexibility, Consistency and Coherence. *Qualitative Research*, v. 3, n. 3, p. 345-357, Dec. 2003.
- KVALE, S. The Social Construction of Validity. *Qualitative Inquiry*, v. 1, n. 1, p. 19-40, Mar. 1995.
- KIRK, J.; MILLER, M. L. *Reliability and validity in qualitative research*. London: Sage, 1986.

- LAPIÈRE, A. Critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: Poupart, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. HL.; LAPIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa. Instituto Piaget, 2005.
- MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de Marketing: Uma Orientação Aplicada*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MAXWELL, J. A. Understanding and validity in qualitative research. *Harvard Educational Review*, v. 62, n. 3, p. 279-300, Fall 1992.
- MORSE, J. M. et al. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 1, n. 2, p. 13-22, Spring 2002.
- NEWTON, T.; DEETZ, S.; REED, M. Responses to Social Constructionism and Critical Realism in Organization Studies. *Organization Studies*, v. 32, n. 1, p. 7-26, Jan. 2011.
- PAIVA Jr., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e Confiabilidade na Pesquisa Qualitativa em Administração. In: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. 1. Recife, 2007. *Anais do ENEPO*: Recife, 2007.
- RIEGE, A. M. Validity and reliability tests in case study research: a literature review with 'hands-on' applications for each research phase. *Qualitative Market Research: An International Journal*, v. 6, n. 2, p. 75-86, 2003.
- ROULSTON, K. Considering quality in qualitative interviewing. *Qualitative Research*, v. 10, n. 2, p. 199-228, Apr. 2010.
- VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa qualitativa em Administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. *Pesquisa Qualitativa em Administração*. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Qualitative methods: their history in sociology and anthropology. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, 2005.
- WHITTEMORE, R.; CHASE, S. K.; MANDLE, C. L. Validity in qualitative research. *Qualitative Health Research*, v. 11, n. 4, p. 522-537, July 2001.
- WINTER, G. A comparative discussion of notion of 'Validity' in qualitative and quantitative research. *The Qualitative Report*, v. 4, n. 3/4, p. 1-11, Mar. 2000.

Recebido: 23/05/2012

Aceito: 09/01/2013

Autor correspondente:

Kenny Basso

Rua Marcelino Ramos, 51, apto 503 – Centro

CEP 99010-160, Passo Fundo, RS

Telefone: +55 54 3045 6100

E-mail: bassokenny@gmail.com